

Crias extramuros: ciclo de debates sobre crianças e infâncias durante a pandemia de Covid-19, organizado por Flávia Pires, Emilene Sousa e Mohana Morais.

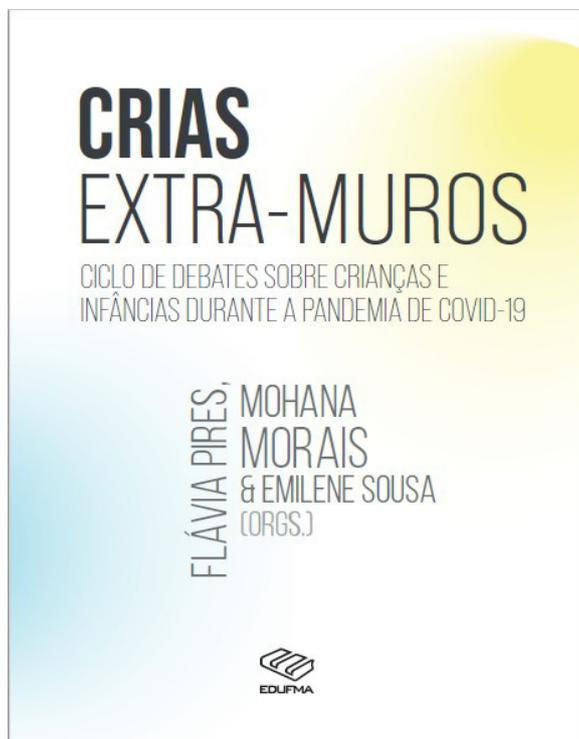
RESENHA/RESEÑA POR

Fernanda Bittencourt Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-2357-8625>

Um fazer coletivo em tempos de pandemia: o espírito do Crias num webinar que virou livro



Há 13 anos, o grupo de pesquisa *Crias: criança, sociedade e cultura* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem tido destacada presença no campo de estudos da infância no Brasil. A coletânea *Crias extramuros: ciclo de debates sobre crianças e infâncias durante a pandemia de Covid-19* reúne algumas das palestras que foram apresentadas no webinar promovido pelo grupo entre 2020 e 2021, o qual contou com 39 palestrantes e atingiu em torno de 800 pessoas no Brasil e no exterior.¹ O e-book que dele resulta reúne uma parte do que foi apresentado. Ele é composto de dez capítulos antecidos do prefácio escrito por Léa Tiriba (que também foi uma das palestrantes convidadas) e da apresentação da obra pelas organizadoras.

No que segue, destacarei alguns aspectos dos capítulos que compõem a coletânea, tendo como referência três eixos temáticos – a pesquisa com crianças, as relações sociais que situam suas infâncias e as práticas de cuidado, de educação e de brincadeira. Não pretendo esgotar as possíveis vinculações dos capítulos com cada um desses temas e tampouco apresentar

¹ A lista de todas as palestras com os nomes das/dos palestrantes consta na Tabela 1 do e-book em foco, páginas 26 a 32.

uma síntese de cada contribuição, pois isso é parte da apresentação do e-book feita pelas organizadoras. Nessa resenha, busco colocar os capítulos em diálogo, através de temas que, na minha leitura, ecoaram como transversais.

Nos capítulos dessa coletânea vê-se crianças. Considerando o título do livro, essa afirmação pode soar óbvia. No entanto, não é difícil encontrarmos as palavras criança e infância em títulos de obras nas quais não aparecem crianças “de carne e osso”. O mais frequente é que se fale nelas ou sobre elas, sem elas. Restabelecer um equilíbrio entre o *sobre crianças* e o *com crianças* tem sido um esforço recorrente nas pesquisas antropológicas entre as quais as produções da equipe do Crias se situam. Nessa coletânea, alguns capítulos abordam diretamente a pesquisa com crianças ou seus limites durante a pandemia de covid-19. Essas abordagens trazem contribuições metodológicas que nos provocam a pensar que não existe uma receita a ser aplicada na pesquisa com crianças, mas diferentes possibilidades, conforme as características do tema de estudo, do contexto no qual se desenvolve a pesquisa e dos próprios interlocutores. Andrea Szulc, que há muitos anos está em interlocução com crianças *mapuche* e suas famílias, menciona as diversas modalidades de entrevista que já realizou. No entanto, ela nos alerta que a pesquisa com crianças talvez não seja necessariamente diferente do trabalho etnográfico com qualquer pessoa e destaca a importância de analisar as narrativas das crianças em inter-relação com as dos adultos. Nessa perspectiva, é fundamental o argumento de que os mundos de crianças e adultos são compartilhados, e não separados; todos estão sujeitos às mesmas condições estruturais e históricas que configuram seus contextos de vida. A autora também sustenta que, etnograficamente, para incluir as experiências das crianças, é muito importante residir com elas e suas famílias. Essa ancoragem no cotidiano cria as condições para que a inclusão de crianças nas pesquisas extrapole o que elas dizem – ou o que se tem acesso através de entrevistas – e restitua as interações das quais elas participam ativamente. Na pesquisa de Juliana Siqueira de Lara foi o andar junto com as crianças, em seus caminhos da escola para casa, que se mostrou um recurso eficaz para a inclusão de suas experiências. Foi nos trajetos pelas ruas que a pesquisadora pôde acompanhar o cuidado em ato, do qual algumas crianças estão incumbidas em relação a outras. Também aqui, a observação de práticas cotidianas e rotineiras como atravessar a rua, deslocar-se em grupo e de uma determinada forma foi o que possibilitou achados importantes, como as diferenciações baseadas na idade e as hierarquias de poder entre as crianças. Brincar junto é outra possibilidade na pesquisa de campo e que na etnografia de Marina Di Napoli Pastore mostrou-se como um caminho de diálogo com as crianças e de interpretação de suas criações e improvisos. Brincando com as crianças, a autora aproximou essas duas práticas criativas, a fabricação dos brinquedos como parte do brincar e a própria pesquisa. Ambas podendo ser vistas como um modo de habitar o mundo e com ele estar conectado. Residir, andar ou brincar junto são possibilidades da pesquisa com crianças que, no entanto, não excluem procedimentos mais formalizados, como os grupos focais realizados no âmbito da pesquisa apresentada por Assis da Costa Oliveira, a qual se volta para as crianças atingidas pela construção de grandes obras na Amazônia. Nesse contexto em que atuam agentes diversamente situados e com interesses conflitantes que se expressam em reuniões, negociações, audiências, a realização dos grupos focais expôs a ausência de escuta atenta das crianças e dos adolescentes. Ainda que a construção de barragens represente mudanças radicais em suas vidas, a pesquisa deixa entrever a difícil articulação entre a noção de crianças como sujeitos de direitos e o seu reconhecimento como atores políticos e de conhecimento. Diante dessa dificuldade, entendo que o grupo focal, em si mesmo, assume um sentido político.

Nos capítulos dessa coletânea vê-se crianças em relações. O conjunto de textos reunidos no e-book nos levam para Festas e festas, ruas, pátios, escolas, residências. Nesses lugares, as crianças estão com mães, pais, irmãos, vizinhos, professores, pesquisadores, amigos. Elas estão em relações. Olhadas a partir do cotidiano, essas relações constituem-se de pessoas,

lugares, animais e objetos. A intensa relacionalidade que emerge dos capítulos contrasta com a imagem de uma criança representada de forma isolada e passiva. No capítulo de Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos, Fernanda Ferreira Montes e Tayuana Caroline Gomes de Souza Barcala, os bebês, situados em suas famílias ou em salas de educação infantil, são definidos como pessoas em relação, o que também contraria a ideia de uma subjetividade individualizada e individualizante. Rayffi Gumerindo Pereira de Souza e Fernanda de Lourdes Almeida Leal nos conduzem por dois mundos pelos quais as crianças circulam e que, na perspectiva dos autores, poderiam estar menos apartados: o mundo da escola e o da vida cotidiana em zona rural, no qual as crianças estão em estreita relação com a natureza, com os animais e os roçados. Se nesse capítulo, argumenta-se pela possibilidade de aproximação entre dois mundos, no de Maria Aparecida Gobbi as crianças figuram como inseparáveis da luta de suas mães por moradia digna. Crianças e luta seriam mutuamente constitutivos. Ao nos levar para a quebra da rotina representada pela preparação da festa do dia das crianças numa ocupação, a autora coloca em relevo o lugar central das crianças como atores políticos de outra Festa (essa com letra maiúscula) e que se refere ao evento mesmo da ocupação, chamado dia de festa pelos movimentos de luta pela moradia.

Nos capítulos dessa coletânea, vê-se crianças em relações de cuidado, de educação, de brincadeira. Todas essas relações que dão vida aos textos não vão numa única direção, mas ao contrário, elas são marcadas pela reciprocidade. Rosamaria Giatti Carneiro interroga as palavras usadas para dizer o criar, o cuidar, o maternar. Como dar conta da pluralidade e porosidade da figura materna? A palavra mãe é boa para o feminismo? O que ela potencializa? O que ela pressupõe? Esse capítulo focado na mãe, na maternidade e na maternagem, mesmo sem mencionar diretamente as crianças, estabelece o fundamento relacional dessa posição que envolve o cuidado. Se maternagem é uma noção que nomeia práticas relativas aos filhos, esse capítulo enseja a pergunta sobre como nomear as práticas cotidianas nas quais crianças cuidam de outras crianças, ou ajudam seus vizinhos que também as cuidam (e vigiam). Considerar a complementariedade tensa dessas relações (como as descreve Juliana Siqueira de Lara em seu capítulo) nos situa nas tramas complexas do cuidado e da educação de crianças e das quais elas participam como cuidadoras e como quem ensina. Pensando a partir da pandemia, Aline Regina Gomes observa que a excepcionalidade desse longo período tornou visível a participação das crianças nos cuidados, inclusive em famílias das camadas médias. Ao alterar e modificar suas redes de relações, ao distanciá-las fisicamente da escola, o cuidado de si e dos outros, facilmente invisibilizado, tornou-se público e, conforme propõe a autora, pode ser visto como uma forma de ação política no mundo. A leitura dessa coletânea permite pensar o próprio webinar que lhe deu origem como uma prática de cuidado, de resistência e de afirmação de existência pessoal e coletiva. O último capítulo, no qual as pesquisadoras do *Crias* refletem sobre os aprendizados da participação no webinar e no grupo de pesquisa, é uma afirmação contundente dos vínculos afetivos e intelectuais que permitiram tantos encontros.

Em 2008, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) publicou uma coletânea intitulada *Antropologia extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Esse livro reúne textos resultantes de uma oficina promovida pela ABA em 2002 com o intuito de abordar a atuação de antropólogos fora da academia e a relação destas atividades com o trabalho acadêmico em sentido estrito. A iniciativa estava relacionada com a expansão do mercado de trabalho para a Antropologia, então convocada a incidir sobre políticas públicas. No texto de apresentação dessa coletânea, observa-se que durante o evento “foi muito enfatizado o fato de que o que é considerado extra ou intramuros mudar no tempo, além de não envolver apenas os antropólogos, mas outros cientistas e a sociedade como um todo” (SILVA, 2008, p. 17). O webinar *Crias extramuros*, ocorrido vinte anos mais tarde, parece-me ilustrativo dessa afirmação. O contexto pandêmico no qual ele foi realizado trouxe novos sentidos para

o extra e intramuros acadêmicos e da própria Antropologia. O extramuros do Crias não diz respeito à atuação de antropólogos fora da academia, mas, aos meus ouvidos, faz referência ao intramuros de nossas casas, onde durante a pandemia fomos convocados a permanecer. Ao mesmo tempo, ele ressoa como uma transgressão simbólica e criativa através da qual o Crias encontrou uma maneira de seguir junto e de expandir a universidade para fora de seus limites físicos. O extramuros do Crias expandiu também a Antropologia ao colocá-la em interlocução com o direito, a psicologia, a educação entre outras disciplinas que fazem parte da formação das/dos autoras/es da obra. Num tempo de reclusão, medo e incerteza, o Crias afirmou o seu espírito coletivo e interdisciplinar. A coletânea apresentada nos convida a romper com a hermenêutica da suspeita de que nos fala Andrea Szulc em seu capítulo e a seguir pesquisando de forma criativa e dialógica com as crianças, com os seus mundos e com quem faz parte deles, intra e extramuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, G. Apresentação. In: SILVA, G. (Org.). **Antropologia extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos**. Brasília: ABA/Paralelo 15, 2008. p. 13-18.

PIRES, F. F.; CAVALCANTE, M. E. B. M.; SOUSA, E. L. de (Org.). **Criar extramuros: ciclo de debates sobre crianças e infâncias durante a pandemia de Covid-19**. São Luís: EDUFMA, 2023. 217 p.

Palavras-chave: crianças, infâncias, pesquisa com/sobre crianças.

DATA DE RECEBIMENTO: 19/06/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 03/08/2023

Fernanda Bittencourt Ribeiro

Doutora em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França. Professora da Escola de Humanidades, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Coordenadora do Idades: Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia.

E-mail: feribeiro2@gmail.com